

Livros Obrigatórios FUVEST/UNICAMP 2011

Prof. Roberto Caliani Janeiro

Auto da Barca do Inferno - Gil Vicente

AUTOR

Gil Vicente (1465? — 1536?) é geralmente considerado o primeiro grande dramaturgo português, além de poeta de renome. Há quem o identifique com o ourives, autor da Custódia de Belém, mestre da balança, e com o mestre de Retórica do rei Dom Manuel. Enquanto homem de teatro, parece ter também desempenhado as tarefas de músico, actor e encenador. É frequentemente considerado, de uma forma geral, o pai do teatro português, ou mesmo do teatro ibérico já que também escreveu em castelhano - partilhando a paternidade da dramaturgia espanhola com Juan del Encina.

A obra vicentina é tida como reflexo da mudança dos tempos e da passagem da Idade Média para o Renascimento, fazendo-se o balanço de uma época onde as hierarquias e a ordem social eram regidas por regras inflexíveis, para uma nova sociedade onde se começa a subverter a ordem instituída, ao questioná-la. Foi, o principal representante da literatura renascentista portuguesa, anterior a Camões, incorporando elementos populares na sua escrita que influenciou, por sua vez, a cultura popular portuguesa.

MOVIMENTO LITERÁRIO (Humanismo)

O Humanismo português vai desde a nomeação de Fernão Lopes para o cargo de cronista-mor da Torre do Tombo, em 1434, até o retorno de Sá de Miranda da Itália, em 1527, quando começou a introduzir em Portugal a nova estética clássica. Torre do Tombo: arquivo do Reino, onde se guardavam os documentos oficiais. A Torre do Tombo foi destruída por um terremoto em 1755, mas o arquivo conservou sempre o mesmo nome.

O termo Humanismo literário é usado comumente para designar o estudo das letras humanas em oposição à Teologia. Na Idade Média, predomina a concepção teocêntrica, em que tudo gira em torno dos valores religiosos.

A partir do Humanismo desenvolve-se uma nova concepção de vida: os eruditos defendem a reforma total do homem; acentuam-se o valor do homem na terra, tudo o que possa tornar conhecido o ser humano; preocupam-se com o desenvolvimento da personalidade humana, das suas faculdades criadoras; têm como objetivo atualizar, dinamizar e dar uma nova vida aos estudos tradicionais; empenham-se em fazer a reforma educacional.

Nesse período da história literária, são cada vez mais lidos e apreciados os autores gregos e latinos. A estética medieval – rude e grosseira – é substituída pela grego-latina – harmoniosa e culta. O latim passa a ser a língua de muitos humanistas, que se deixam tomar de grande entusiasmo pelo saber, pelas artes clássicas.

A produção literária portuguesa desse período pode ser subdividida em prosa (Crônicas de Fernão Lopes; Prosa doutrinária e Novelas de cavalaria), poesia (Poesia Palaciana) e teatro (obras de Gil Vicente)

CARACTERÍSTICAS DA OBRA

Auto é designação genérica para peças cuja finalidade é tanto divertir quanto instruir. Seus temas, podendo ser religiosos ou profanos, sérios ou cômicos, devem, no entanto, guardar um profundo sentido moralizador.

Encenada pela primeira vez em 1517, foi escrita em versos heptassílabos (redondilha maior), em tom coloquial e com intenção marcadamente doutrinária, fundindo em algumas passagens o português, o latim e o espanhol. Cada personagem apresenta, através da fala, traços que denunciam sua condição social.

A peça teatral ocorre em um único ato, subdividido em cenas marcadas pelos diálogos que o Anjo ou o Diabo travam com os personagens. O cenário é um ancoradouro no qual estão atracadas duas barcas. Todos os mortos, necessariamente, têm de passar por esta paragem, sendo julgados e condenados ou à barca da Glória ou à barca do Inferno.

O teatro vicentino não foi escrito em prosa, mas em versos. Por isso é poético. Adotava, predominantemente, o verso redondilho (maior ou menor), de origem popular e medieval. Possui muitas ressonâncias no Brasil, dentre os quais se destacam as peças didáticas de José de Anchieta (segunda metade do século XVI), Morte e Vida Severina (1956), de João Cabral de Melo Neto, e o Auto da Compadecida (1959), de Ariano Suassuna.

PERSONAGENS

Fidalgo: representa a nobreza, que chega com um pajem, uma roupa exagerada e uma cadeira de espaldar, elementos característicos de seu status social. O diabo alega que o Fidalgo o acompanhará por ter tido uma vida de luxúria e de pecados. Ao Fidalgo, nada lhe valem as “compras” de indulgências, ou orações encomendadas. A crítica à nobreza é centrada nos dois principais defeitos humanos: o orgulho e a prática da tirania.

Onzeneiro: o segundo personagem a ser inquirido é o Onzeneiro, usuário que ao chegar à barca do Diabo descobre que seu rico dinheiro ficara em terra. Utilizando o pretexto de ir buscar o dinheiro, tenta convencer o Diabo a deixá-lo retornar, mas acaba cedendo às exigências do julgamento.

Parvo: um dos poucos a não ser condenado ao Inferno. O Parvo chega desprovido de tudo, é simples, sem malícia e consegue driblar o Diabo, e até injuriá-lo. Ao passar pela barca do Anjo, diz ser ninguém. Por sua humildade e por seus verdadeiros valores, é conduzido ao Paraíso.

Sapateiro: representante dos mestres de ofício, que chega à embarcação do Diabo carregando seu instrumento de trabalho, o aventar e as formas. Engana na vida e procura enganar o Diabo, que espertamente não se deixa levar por seus artifícios.

Frade: como todos os representantes do clero, focalizados por Gil Vicente, o Frade é alegre, cantante, bom dançarino e mau-caráter. Acompanhado de sua amante, o Frade acredita que por ter rezado e estar a serviço da fé, deveria ser perdoado de seus pecados mundanos, mas contra suas expectativas, é condenado ao fogo do inferno. Deve-se observar que Gil Vicente desfecha ardorosa crítica ao clero, acreditando-o incapaz de pregar as três coisas mais simples: a paz, a verdade e a fé.

Brísida Vaz: misto de alcoviteira e feiticeira. Por sua devassidão e falta de escrúpulos, é condenada. Personagem interessante que faz o público leitor conhecer a qualidade moral de outros personagens que com ela se relacionaram.

Judeu: entra acompanhado de seu bode. Deplorado por todos, até mesmo pelo Diabo que quase se recusa a levá-lo, é igualmente condenado, inclusive por não seguir os preceitos religiosos da fé cristã. Bom lembrar que, durante o reinado de D. Manuel, houve uma perseguição aos judeus visando à sua expulsão do território português; alguns se foram, carregando grandes fortunas; outros, converteram-se ao cristianismo, sendo tachados cristãos novos.

Corregedor e o Procurador: ambos representantes do judiciário. Juiz e advogado deviam ser exemplos de bom comportamento e acabam sendo condenados justamente por serem tão imorais quanto os mais imorais dos mortais, manipulando a justiça de acordo com as propinas recebidas.

Enforcado: chega ao batel, acredita ter o perdão garantido: seu julgamento terreno e posterior condenação à morte o teriam redimido de seus pecados, mas é condenado também a ir para o Inferno.

Cavaleiros: finalmente chegam à barca quatro cavaleiros cruzados, que lutam pelo triunfo da fé cristã e morrem em poder dos mouros. Obviamente, com uma ficha impecável, serão todos julgados e perdoados.

RESUMO DA OBRA

Auto da Barca do Inferno é um auto em que o barqueiro do inferno e o do céu esperam à margem os condenados e os agraciados. Os que morrem chegam e são acusados pelo Diabo, mas apenas o Anjo poderá ou não absolvê-los.

O primeiro a chegar é um Fidalgo, em seguida um Onzeneiro (agiota), um Parvo (bobo), um sapateiro, um frade, uma cafetina, um judeu, um juiz, um promotor, um enforcado e quatro cavaleiros. Um a um eles aproximam-se do Diabo, carregando o que na vida lhes pesou. Perguntam para onde vai a barca; ao saber que vai para o inferno ficam horrorizados e se dizem merecedores do Céu. Aproximam-se então do Anjo que os condena ao inferno por seus pecados.

O Fidalgo, o Onzeneiro (agiota), o Sapateiro, o Frade (e sua amante), a Alcoviteira Brísida Vaz (cafetina e bruxa), o judeu, o Corregedor (juiz), o Procurador (promotor) e o enforcado são todos condenados ao inferno por seus pecados, que achavam pouco ou compensados por visitas a Igreja e esmolas. Apenas o Parvo é absolvido pelo Anjo. Os cavaleiros sequer são acusados, pois deram a vida pela Igreja.

O texto do Auto é escrito em versos rimados, fundindo poesia e teatro, fazendo com que o texto, cheio de ironia, trocadilhos, metáforas e ritmo, flua naturalmente. Faz parte da trilogia dos Autos da Barca (do Inferno, do Purgatório, do Céu).

TRECHOS DA OBRA

FIDALGO: Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

DIA BO: Vai ou vem! Embarcai prestes!

Segundo lá escolhestes,

Assi cá vos contentai.

	Pois que já a morte passastes, haveis de passar o rio.		como te tinha querer!
FIDALGO:	Não há aqui outro navio?	FIDALGO:	Isto quanto ao que eu conheço...
DIA BO:	Não, senhor, que este fretastes, e primeiro que expirastes me destes logo sinal.	DIA BO:	Pois estando tu expirando, se estava ela requebrando com outro de menos preço.
FIDALGO:	Que sinal foi esse tal?	FIDALGO:	Dá-me licença, te peço, que vá ver minha mulher.
DIA BO:	Do que vós vos contentastes. (...)	DIA BO:	E ela, por não te ver, despenhar-se-á dum cabeça! Quanto ela hoje rezou, entre seus gritos e gritas, foi dar graças infinitas a quem a desassombrou.
FIDALGO:	Esperar-me-ês vós aqui, tornarei à outra vida ver minha dama querida que se quer matar por mi.	FIDALGO:	Cant'a ela, bem chorou!
DIA BO:	Que se quer matar por ti?!...	DIA BO:	No m'há i choro de alegria?..
FIDALGO:	Isto bem certo o sei eu.	FIDALGO:	E as lástimas que dezia?
DIA BO:	Ó namorado sandeu, o maior que nunca vi!...	DIA BO:	Sua mãe lhas ensinou... Entraí, meu senhor, entraí: Ei la prancha! Ponde o pé...
FIDALGO:	Como pod'rá isso ser, que m'escrescia mil dias?	FIDALGO:	Entremos, pois que assi é.
DIA BO:	Quantas mentiras que lias, e tu... morto de prazer!...	DIA BO:	Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai. Em tanto virá mais gente.
FIDALGO:	Pera que é escarnecer, quem no m'havia mais no bem?	FIDALGO:	Ó barca, como és ardente! Maldito quem em ti vai!
DIA BO:	Assi vivas tu, amém,		

EXERCÍCIOS

1. (FUVEST) Indique a afirmação correta sobre o Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente:

- (A) É intrincada a estruturação de suas cenas, que surpreendem o público com a inesperado de cada situação.
- (B) O moralismo vicentino localiza os vícios, não nas instituições, mas nos indivíduos que as fazem viciosas.
- (C) É complexa a crítica aos costumes da época, já que o autor primeiro a relativizar a distinção entre Bem e o Mal.
- (D) A ênfase desta sátira recai sobre as personagens populares mais ridicularizadas e as mais severamente punidas.
- (E) A sátira é aqui demolidora e indiscriminada, não fazendo referência a qualquer exemplo de valor positivo.

2. (FUVEST) Diabo, Companheiro do Diabo, Anjo, Fidalgo, Onzeneiro, Parvo, Sapateiro, Frade, Florença, Brígida Vaz, Judeu, Corregedor, Procurador, Enforcado e Quatro Cavaleiros são personagens do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente.

Analise as informações abaixo e selecione a alternativa incorreta cujas características não descrevam adequadamente a personagem.

- (A) O Onzeneiro idolatra o dinheiro, é agiota e usurário; de tudo que juntara, nada leva para a morte, ou melhor, leva a bolsa vazia.
- (B) O Frade representa o clero decadente e é subjugado por suas fraquezas: mulher e esporte; leva a amante e as armas de esgrima.
- (C) O Diabo, capitão da barca do inferno, é quem apressa o embarque dos condenados; é dissimulado e irônico.
- (D) O Anjo, capitão da barca do céu, é quem elogia a morte pela fé; é austero e inflexível.
- (E) O Corregedor representa a justiça e luta pela aplicação íntegra e exata das leis; leva papéis e processos.

3. (UNICAMP) Leia o diálogo abaixo, de Auto da Barca do Inferno:

DIA BO: Cavaleiros, vós passais
e não perguntais onde ir?

CA VALEIRO: Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais!

OUTRO CA VALEIRO: Vós que nos demandais?
Siquer conhecê-nos bem.
Morremos nas partes d'além,
e não queirais saber mais.

a) Por que o cavaleiro chama a atenção do Diabo?

b) Onde e como morreram os dois Cavaleiros?

c) Por que os dois passam pelo Diabo sem se dirigir a ele?

4. (PUC) Considerando a peça Auto da Barca do Inferno como um todo, indique a alternativa que melhor se adapta à proposta do teatro vicentino.

- A) Preso aos valores cristãos, Gil Vicente tem como objetivo alcançar a consciência do homem, lembrando-lhe que tem uma alma para salvar.
- B) As figuras do Anjo e do Diabo, apesar de alegóricas, não estabelecem a divisão maniqueísta do mundo entre o Bem e o Mal.
- C) As personagens comparecem nesta peça de Gil Vicente com o perfil que apresentavam na terra, porém apenas o Onzeneiro e o Parvo portam os instrumentos de sua culpa.
- D) Gil Vicente traça um quadro crítico da sociedade portuguesa da época, porém poupa, por questões ideológicas e políticas, a Igreja e a Nobreza.
- E) Entre as características próprias da dramaturgia de Gil Vicente, destaca-se o fato de ele seguir rigorosamente as normas do teatro clássico.

GABARITO

1-B 2-E

- 3) a) Porque a fala do Diabo revela seu desrespeito para com um Cavaleiro de Cristo, que morre para defender e propagar a fé cristã. Quem defende a causa cristã não vai na Barca do Inferno.
- b) Os dois Cavaleiros morreram nas "partes d'além", em um combate contra os mouros na defesa da Igreja.
- c) Porque estão conscientes da salvação e de que vão na Barca da Glória.
- 4-A

SITES UTILIZADOS

http://www.vestibular1.com.br/resumos_livros/auto_da_barca_do_inferno_2.htm

<http://vestiweb.blogspot.com/2008/01/questes-auto-da-barca-do-inferno.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gil_Vicente

<http://pt.shvoong.com/humanities/linguistics/795557-humanismo-na-literatura-portuguesa/#ixzz1IUChCkZN>